



# JORNAL DE GARVÃO

Nº 25 Verão de 2019

1.00 Euro

<https://garvao.blogs.sapo.pt/>

## HOSPITAL

Da Irmandade do Sagrado  
Espírito Santo em Garvão

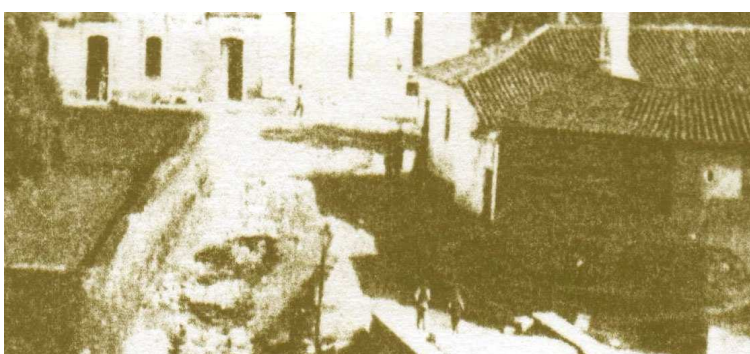
Pag. 4



**PEDRA à ESQUINA Da LOJA  
do SR ZÉ CONDUTO  
Em forma de mó. Pag. 5**



**MARATECA em GARVÃO  
Pag. 8**



## GARVÃO

Nas CORTES do REINO

Pag. 11



**GARVÃO nos  
PRIMEIROS MAPAS de  
PORTUGAL**

A questão da antiguidade  
da chamada, “PONTE  
ROMANA” da Estação  
de Garvão, nos mapas de  
Fernando Alvaro Seco e  
de Pedro Teixeira  
Albernaz

Pag. 9

**A BATALHA DE  
OURIQUE  
Forjando um Mito  
Pag. 6/7**

# EDITORIAL

## A estratégia de implementação de um Plano de Desenvolvimento Local

A estratégia de implementação de um Plano de Desenvolvimento Local, resulta de uma intervenção e convergência de experiências e expectativas que um conjunto diversificado de parceiros envolvidos, transporta para o seio do debate e análise deste assunto.

A informação e o conjunto de ideias e propostas no Plano de Desenvolvimento Local, não são produção exclusiva nem de uma entidade, nem de um indivíduo, antes sim de uma multiplicidade de contributos construídos e transmitidos ao longo de um percurso.

- O abandono da população jovem,
- O envelhecimento progressivo da população,
- A baixa qualificação dos recursos humanos,
- A fragilidade do tecido produtivo,
- A reduzida capacidade empresarial,
- Os problemas de natureza ambiental,
- A desidentificação das pessoas com o território,
- A importância de alguns recursos locais bastante subaproveitados,

São alguns dos aspectos que constituem a base de ponderação e a partir da qual se deve construir o Plano de Desenvolvimento Local.

A fixação da população jovem; reforço da identidade local; valorização dos recursos locais; dinamização da economia local:

A fixação da população jovem, surge como um objectivo final, pela importância de que se reveste para o futuro do território e, deve ser assumido pelo conjunto dos parceiros envolvidos.

O decréscimo da população no território, a baixa taxa de natalidade, o envelhecimento da população, a migração da população jovem em idade activa, a baixa qualificação dos recursos humanos, a reduzida capacidade de investimento constituem, de facto, aspectos que preocupam bastante as entidades que localmente realizam um esforço no sentido de fixar a população e evitar o êxodo rural.

A articulação deste objectivo com o da dinamização da economia local constituem um pilar estruturante do Plano de Desenvolvimento Local;

O reforço da identidade local, todo o conjunto de aspectos que caracterizavam o meio rural no nosso território têm sido consecutivamente colocados em causa, a alteração dos ritmos de trabalho, a alteração da paisagem, a redução drástica das actividades agrícolas,

a deslocação da população em idade activa para outros sectores de actividade, as inúmeras construções tanto de habitações como de outras infra-estruturas, o abandono de algumas aldeias, a pressão demográfica nas sedes de concelho, o abandono de práticas ancestrais de produção dos produtos e bens essenciais (pão, enchidos, panos de linho e estopa, lavra da terra, moagem, etc.), a introdução de rotinas e de hábitos de consumo urbanos, criaram uma cisão nos factores de identificação da população (sobretudo da mais jovem) com o território.

A valorização dos recursos locais – surge como uma questão também crucial para a prossecução do objectivo geral do PDL. O território e as suas gentes olham pouco crenes para o valor que alguns dos seus recursos poderão representar para a melhoria da sua qualidade de vida. No entanto, a valorização dos recursos locais poderão representar oportunidades de investimento, de criação de emprego, de uma ocupação dos tempos livres com qualidade e significar em última análise um território competitivo.

O vinho, o queijo, a laranja, a maçã, o azeite, a gastronomia, a floresta, o mobiliário e o restauro, a paisagem, o património natural e histórico-cultural, as albufeiras, os recursos hídricos, as águas termais, o mel, são alguns dos recursos nos quais se considera fundamental uma intervenção local.

A dinamização da economia local, constitui-se como um aspecto crucial no sentido de promover, também economicamente o território, atribuindo-lhe a auto-sustentabilidade que lhe garanta alguma autonomia face ao exterior. A dinamização da economia local surge intimamente associada à fixação da população jovem e à formação e qualificação dos recursos humanos locais.

Os procedimentos operacionais referentes à implementação deste PDL, assumem grande relevância na medida em que a estratégia definida, assenta largamente num objectivo central de animação local do território, significa isto que estamos a falar de actividades que requerem a presença permanente e eficaz de uma equipa cujas principais tarefas serão exactamente as de gestão, implementação e de animação local do conjunto de acções previstas.

FONTE: ADICES – Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas.



# OFICINAS DE VERÃO DE SERPA COM MAIS DE 400 CRIANÇAS

A Câmara Municipal de Serpa promoveu mais uma edição das Oficinas de Verão. Destinadas a crianças de todo o concelho, em idade pré-escolar e até aos 12 anos, as oficinas decorrem até dia 31 de agosto.

A iniciativa municipal é promovida com o objetivo de dar resposta necessidades das famílias na ocupação dos mais novos, em período de férias escolares.

O projeto é desenvolvido em várias localidades do concelho, sendo que o município aceitou 430 inscrições. Em Serpa serão integradas nestas oficinas 166 crianças; em Pias participam 66; em Vila Nova de São Bento, 60; em Vila



Verde de Ficalho, 42; em Vales Mortos, Brinches e Vale Vargo, 27 respetivamente e 15 em A-do-Pinto.

Em nota de imprensa, a autarquia revela que, “apesar desta não ser uma competência do município”, a Câmara Municipal serpense avança, também este ano, com a realização gratuita das oficinas.

Do programa das oficinas constam diversas iniciativas, com destaque para o desporto, cante, expressão plástica, entre outras. Estão, ainda, previstas algumas visitas a locais emblemáticos de Serpa, como o Castelo e o Museu de Arqueologia.

## 250 MIL ANOS DE CULTURA ALENTEJANA EM EXPOSIÇÃO

O Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, em Beja, traz a público a exposição “Sob a terra e as águas. 20 anos de Arqueologia entre Guadiana e Sado”, que assinala o dia Internacional dos Museus e o contributo de Alqueva decorrente das medidas de minimização dos impactes arqueológicos na zona servida pelo



pelo Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA). Nesta exposição, inaugurada dia 18 de maio, serão apresentados um conjunto ímpar de peças arqueológicas que permitem uma viagem pelos diferentes povos e culturas que habitaram a região, ao longo dos últimos 250.000 anos.

**DIVULGAÇÃO COMERCIAL:** Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

# Café Central



*Manuel Bárbara dos Reis*  
*Comidas e*  
*Dormidas*

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



# HOSPITAL

## Da Irmandade do Sagrado Espírito Santo em Garvão

As instalações do Hospital da Irmandade do Sagrado Espírito Santo de Garvão ainda, nos princípios dos anos setenta do século passado, se observavam na Rua da Misericórdia, até que a vaga reformista de obras camarárias, dos finais dos anos setenta e princípios de oitenta, deitou por terra o que restava destas instalações.

A Irmandade do Sagrado Espírito Santo, animada pelo espírito de solidariedade e religiosidade da época, que caracterizavam e estavam na génese da constituição destas Confrarias, criou na vila de Garvão o Hospital do Sagrado Espírito Santo, para tratamento e aconchego dos doentes e peregrinos. Hospital esse que passou posteriormente, em 1734, para a posse da Santa Casa da Misericórdia de Garvão, como se pode observar na folha 11 verso e 12 rosto do livro “da Misericórdia e do Sagrado Espírito Santo”.

“Auto de Pose

(...) e ali eu Escrivão com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia (...) e o Escrivão da mesma (...) fomos a Igreja do Espírito Santo (...) e meti de pose da ademenstração da dita Igreja, e de tudo o mais a ela pertencente, como também das casas que servem de Hospital (...)”

Embora o Hospital recebesse, da população, pequenas ofertas de produtos agrícolas, viveres, farinhas, pão e legumes, dentro das suas parcas possibilidades, era nos rendimentos provenientes das rendas das propriedades, olivais, vinhas, pastagens e terras de sementeira que consistia a principal fonte de receita das Irmandades e Hospitais do Sagrado Espírito Santo.

Seriam, inicialmente, instalações humildes, por vezes nas casas dos próprios irmãos, compondo-se de poucas camas ou de reduzidos cómodos de recolhimento

dos necessitados. Posteriormente teriam dormitório com os seus repartimentos e camas para os enfermos e instalações para os enfermeiros, teriam igualmente celeiro para o recolhimento dos frutos, que recebe das rendas e cavalaria para as cavalgadas dos peregrinos ou viajantes.

Os oficiais envolvidos na administração do hospital, para além do Mordomo do hospital e o escrivão, incluía igualmente os Sangradores e os barbeiros, o físico e cirurgião, o boticário, o enfermeiro e um capelão.

Eram remunerados segundo as suas atribuições que geralmente consistia num moio de trigo para os cargos mais importantes e valores em dinheiro, (dez ou quinze mil reis em certos Hospitais), ou em géneros. O boticário recebia igualmente pagamento pelas mezinhas que fazia.

Ainda nos anos sessenta, se observava as ruínas deste edifício térreo, de paredes de taipa e pedra, postas de cutelo à maneira árabe, de um só piso, de telha vã e chão de ladrilhos de barro cosido toscamente, ainda era possível vislumbrar restos das cadeiras, mesas, arcas e outro mobiliário e restos de tecidos, rasgados, rotos, sujos, mas, onde ainda se notava resquícios dos bordados dourados que em tempos devem ter adornado as vestes dos capelães e outros oficiais do culto nas suas obrigações e cuidados litúrgicos.

O Hospital, apesar do inegável valor histórico, por muito arruinado que estivesse, o local foi posteriormente, aos anos setenta do século XX, completamente terraplanado e limpo, ficando o espaço em aberto delimitado pelos modernos lancis de cimento. Situado no primitivo aglomerado urbano da vila de Garvão, na actual rua da Misericórdia, junto à Igreja Matriz, a tradição popular, pelo menos os mais velhos, ainda se referem ao local como “lugar do Hospital”.

**paraFarmácia**  
GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Rato  
Rua 25 de Abril n.º 3  
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200  
Fax: 286 555 405  
parafarmaciadegarvao@hotmail.com

**Kafé Snack - Bar**  
“NOVO RUMO”

Servem-se refeições e petiscos diversos

Gestora: Maria de Fátima Barbosa e Carlos Barbosa

Telems.: 934 785 927 / 936 234 652  
Rua do Álamo, N.º 11 \*\* 7670-136 Garvão

**GenSolar**

Reservar de Energia Alternativa, S.L.

Johanna Samwald | Jsamwald@hotmail.com

gensolar@iol.pt | Tm: +351 936 738 308  
Tm: +351 918 640 384

**CAFÉ LINA**

Carlos Sábido Lina  
904267800

Chada Nova

**Padaria**  
**MARTINS**

Rua de Ourique, 22

de Joaquim Martins Moreira Costa

Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

**LINDAMIRADÓLORES**  
**DE BRITO GARVALHO**

Tel. 286 555 371  
Tlm. 939 441 637  
Rua do Álamo, 4  
7670 GARVÃO



# PEDRA à ESQUINA

## Da LOJA do SR ZÉ CONDUTO

### Em forma de mó

A Coluna “Romana” que se encontra na travessa do Álamo, não constitui o único vestígio de interesse arqueológico que se encontra nas ruas da vila, tempos houve em que outra coluna se encontrava na rua das hortas, pedras de cabeceira de sepulturas nos quintais junto ao castelo, pedra mármore junto ao cemitério velho, outra pedra mármore num quintal da travessa do Álamo, entre outras como a que a seguir se relata.

Junto à porta da loja do Sr Conduto, loja de roupas e chapelaria nos anos sessenta do século passado, na rua Direita, à esquina da ladeira que dá para a ribeira, estava uma pedra redonda em forma de mó, de grandes dimensões, de cor branca, possivelmente de calcário ou de mármore.

As suas dimensões não correspondem ao tamanho das pedras de mó conhecidas, sendo esta demasiado larga, alta e pesada para tal função, terá de se procurar a sua utilização noutra actividade, cuja utilização não é, presentemente, o motivo deste artigo, mas somente dar a conhecer a existência de tal peça.

Desconhece-se igualmente quanto tempo lá esteve ou quem para lá a levou.

Terá sido descoberta no local onde se procedeu posteriormente à construção que lá se observa? Terá sido para lá levada para ser partida e utilizada na própria construção? Terá vindo de algum outro lugar, mesmo de algum lagar antigo, como o lagar de azeite que se encontrava no Largo do Lagar? (hoje Largo da Amoreira). São questões que obviamente se desconhece e sem ser devidamente examinada também se desconhece o seu valor patrimonial e histórico.

A pedra foi eventualmente deslocada, ladeira abaixo e hoje encontra-se incorporada na parte lateral da ribeira, a nascente, entre a actual ponte pedonal e a última casa do lado esquerdo.



**Adília Pereira Coelho**  
TINTAS  
DROGAS  
FERRAGENS  
MATERIAL PARA PESCA  
Tel. 288 555 473 - Resid. 288 555 381  
Rua do Álamo, 12 - GARVÃO

**“BAR DA ESTAÇÃO”**  
REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS  
de: *Célia Maria Pacheco Silva*  
Telem. 917 591 497  
7670 - 129 FUNCLEIRA - GARE

**AUTO LITORAL**  
António Adanjo  
MANUTENÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS  
Tel. / Fax 283 691 432 - Tlm. 936 852 990  
CAMPO REDONDO

**Restaurante Martins**  
Bairro Novo da Sardoas  
Lote 38  
de **padaria Martins**  
Rua de Ourique, 22  
de  
Joaquim Martins Moreira Costa  
7670 Garvão  
Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913



# A BATALHA FORJANDO

## O CRISTIANISMO NA PENÍNSULA IBÉRICA

A mitificação das origens de um estado, mais do que enaltecer um acto genesiaco ou fundacional procura a legitimação da memória histórica baseado numa realidade fenoménica de virtudes, glorificação e de engrandecimento do passado, idealizando uma época que revela o irrealismo prodigioso duma imagem engendrada, mas que no fundo a população têm como garantido e de si mesmos.

É recorrente na história das nações organizar o passado histórico em função das necessidades do presente, os mitos fundacionais são na maioria dos casos, senão em todos, uma espécie de mitologia em que o historiador adapta a verdade histórica de forma a inculcar uma determinada visão do passado, ficcionando-a e modelando-a ao serviço dos interesses ideológico-políticos tanto do passado como do presente.

Ao mistificar esta fundação de Portugal em Dom Afonso Henriques, herdeiro duma terra, resgatada ao infiel, que tem a sua origem nos guerreiros lusitanos, procura-se suprimi-la, numa altura de lutas pelos territórios fronteiriços ou de indefinição dinástica, á ocupação ou mesmo ao aniquilamento por parte dos reinos vizinhos como se veio a observar com a ocupação Filipina de Portugal.

A história de Portugal regista a batalha de Ourique em 25 de Julho de 1139, dia de Santiago, um dos apóstolos que teria difundido a fé cristã na Península Ibérica.

Os relatos sobre a evangelização da Península por São Tiago são manifestamente tardios e impossíveis de confirmar. A ausência de informações concretas sobre as origens da penetração do cristianismo nesta zona, deu lugar a toda uma série de mitos e até mesmo de tradições.

Uma dessas tradições relata a vinda da apóstolo São Tiago à Península Ibérica, contudo historicamente é impossível estabelecer uma ligação deste apóstolo às Igrejas Ibéricas, visto que não existe qualquer referência em nenhuma das fontes da época a São Tiago.

Segundo uma tradição lendária, no século IX, na Galiza, um eremita de nome Pelaio, anunciou uma revelação, sobre um túmulo, que tivera enquanto dormia, contendo umas relíquias que foram de imediato veneradas e associadas a Santiago e sobre o qual viria a ser erguida a Catedral de Santiago de Compostela.

Os árabes invadiram a Espanha em 711 e deixaram, aos ibéricos, apenas o norte da península, conhecida por Astúrias, onde mantiveram uma resistência à dominação árabe. Nesse período, fazia falta aos hispânicos uma figura que unificasse a luta contra o inimigo comum. As dificuldades no acesso aos tradicionais destinos de peregrinação cristã, Roma e Jerusalém, acabam por conduzir muitos peregrinos a Compostela.

Da mesma forma que os muçulmanos tinham a sua peregrinação a Meca, os cristãos também passariam a ter a sua peregrinação a Santiago de Compostela na Galiza e se nas batalhas os mouros invocavam Maomé, os cristãos passaram a chamar por Santiago, “o matamouros”.

A lenda do “Santiago-matamouros”, surgiu relacionado com a lendária batalha de Clavijo em Espanha em 25 de Julho de 844, dia de Santiago, onde um rei cristão, em grande desvantagem numérica, desbaratou e derrotou vários reis mouros.

A documentação histórica referente a Clavijo é contestada, e tudo leva a crer que foi forjada pelo Arcebispo de Toledo, Rodrigo Jiménez de Rada que terá forjado uma narrativa de traços míticos, na qual milagrosamente Santiago intervira numa batalha a favor dos cristãos na luta contra os mouros, considerada fantasiosa por falta de documentação ou de outras referências credíveis.

A lenda conta que Ramiro I teve um sonho no qual o apóstolo Tiago teria garantido a sua presença no campo de batalha e assegurado a vitória. De acordo com essa lenda, no dia seguinte os exércitos de Ramiro I, encorajados pela presença do Apóstolo montado num cavalo branco, a lutar contra os seus adversários, decapitando os mouros e ajudando a vitória dos cristãos

**Salão Mila**  
Emília M.ª Mestre Maia M.  
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A  
Telem. 965 779 545 GARVÃO

**ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO**  
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS  
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL  
Telef. 286 555 416 – Telem. 962 341 322  
GARVÃO

VEDESTEIN  
ALLIANCE  
MARSHAL  
PHELIS

RECONSTRUIDOS  
FEDIMA®  
LIBRIFICANTES  
SHELL



# DE OURIQUE

## UM MITO

do rei Ramiro, onde em grande desvantagem numérica enfrentava as tropas muçulmanas.

### A BATALHA DE OURIQUE

Os relatos descrevem o acontecimento da batalha de Ourique em 25 de Julho de 1139, em que um rei cristão, D. Afonso Henriques, em inferioridade numérica derrota vários reis muçulmanos precisamente no dia de Santiago e apesar de existir vários documentos, desde o século XII, que falam sobre a batalha, a menção ao aparecimento de Cristo a D. Afonso Henriques só aparece no século XV, cerca de 300 anos depois da suposta batalha, possivelmente redigida por Fernão Lopes, cronista do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1419, numa altura de guerras com Castela.

Se nos registos anteriores ao século XV, a vitória da batalha de Ourique era atribuída a São Tiago, posteriormente passou a ser atribuída a Cristo, se no campo de batalha, pela disputa dos territórios fronteiriços, os Castelhanos bradavam a Santiago, os Portugueses tinham de bradar mais alto, a Cristo directamente.

Com a invenção do milagre, a este vai-se acrescentando, nos séculos seguintes, sempre com mais alguma narrativa, conforme os escritores que sobre o acontecimento relatam, até que chegando ao século XIX, Alexandre Herculano as denuncia como meramente fantasiosas e carentes de legitimidade histórica.

No século XVII, com a ocupação do trono e do reino pelos Filipes Castelhanos, a lenda ganha mais prestígio e precisão pela mão do frade cisterciense Bernardo de Brito.

De facto não se encontram referências sobre esse acontecimento antes dessas datas, nem na crónica geral de Espanha de 1344, nem nas outras fontes sejam elas portuguesas, castelhanas ou árabes, nem inclusivamente no documento mais antigo que se conhece sobre a vila de Ourique que é o seu foral de 1290.

De referir também que nos primórdios da

de Portugal o Campo de Ourique não se restringia somente á vila ou concelho de Ourique, era, de uma forma incipiente, geralmente considerado grande parte do território que se prolongava para sul do rio Tejo, portanto falar numa batalha de Ourique seria falar numa região a Sul do Tejo.

Quando a fronteira do reino de Portugal em 1139 se situava no rio Mondego, era inadmissível situar um exército desta natureza a cerca de quinhentos quilómetros da fronteira e em pleno território inimigo.

As particularidades das lutas pelo controle do território entre cristãos e muçulmanos não favoreciam a concentração de grandes exércitos ou de batalhas campais, constituídos maioritariamente pela cavalaria pesada da nobreza terra tenente, com armaduras imponentes e exercito pedonal incluindo arqueiros e lanceiros.

As conquistas das cidades por D. Afonso Henriques e sucessores, faziam-se mais à custa das tropas ligeiras dos concelhos, dos cavaleiros-vilãos, peões e besteiros, ou de intrépidos aventureiros como Geraldo-Sem-Pavor que conquistou Évora, ou trepando os muros na calada da noite como em Santarém ou com a ajuda dos cruzados como no caso de Lisboa, as próprias ordens religioso-militares resguardavam uma parte dos seus guerreiros na defesa dos seus próprios territórios.

As vitórias de D. Afonso Henriques contra os sarracenos e as suas ambições políticas em formar um reino independente, carecia de fundamento e do respectivo reconhecimento, nesse sentido haveria de mistificar a fundação do reino na criação divina.

Os cinco reis mouros derrotados poderiam equivaler a outras cinco batalhas, emboscadas ou acções de guerrilha, temporalmente apartadas, tomando o nome daquela que no contexto geo-político da época se apresentava mais distante, ou seja depois do Tejo, não deixando, contudo, de ter em atenção tanto as imprecisões localizáveis no terreno como os exageros dos feitos e fanfarronices de cavaleiros.

Assim, estas escaramuças pelo território, tomaran

**Café Nascido do Sol**  
ALMOÇOS · PETISCOS · JANTARES  
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

**Padaria MARTINS**  
Rua de Ourique, 22  
de: Joaquim Martins Moreira Costa  
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

**CAFÉ CANELAS**  
de: José Guerreiro Manuel  
[CONTACTOS] 286 555 133  
Telefona 286 555 133  
Telemóvel 905 090 101  
Largo da Estação n.24 - 7670-129 GARVÃO

**PADARIA VITÓRIA**  
Joaquim  
Rosário Guerreiro  
Telef. 286 555 133  
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



# A BATALHA DE OURIQUE

## Forjando um Mito

no século XV, um sentido mítico-sacralizante do rei e do reino, esta mitificação das origens aparece assim como a peça fulcral, como o milagre que faltava para atestar a protecção divina concedida a este reino desde a sua fundação.

A concluir no que diz respeito à batalha de Ourique, sob o ponto de vista do espetáculo, da especulação, da teatralidade, muito pouco há a dizer, sob o ponto de visto histórico podemos recorrer, como exemplo, ao que diz o historiador José Hermano Saraiva no programa da RTP, "A Alma e a Gente", emitido em 26 de Novembro de 2006:

*"Por isso eu admiro-me muito por ver aqui à porta da Câmara Municipal, está ali uma placa com uma série de nomes, ... e disseram-me "... esses morreram na Batalha de Ourique, no século XII", "o quê?!" "é", então comecei a ler. Lá em cima diz Fernão Mendes de Bragança e os seus dois irmãos, Egas Moniz e os seus dois filhos, Afonso vi, o Moço Viegas, o Soeiro Viegas, o Garcia Mendes, o Lourenço Mendes e até lá está o D. Fuas Roupinho. Como sabem o D. Fuas Roupinho era um almirante que parece, também segundo, tudo isso é lenda, ... até o D. Fuas Roupinho mataram aqui para fazer aquela lápide. Eu sinceramente discordo dessas invenções históricas, Portugal tem tanta glória verdadeira, tem tantos factos de que nós nos podemos sinceramente orgulhar, que escusamos de recorrer a estas invencionices. Nós não precisamos, graças a Deus, nesse capítulo de episódios gloriosos de roubar nada a ninguém "*

# MARATECA em GARVÃO

Surge no livro da Misericórdia e do Sagrado Espírito Santo de Garvão, na folha 122 verso, a denominação de um lugar denominado por Marateca, este lugar, segundo o mencionado livro, deveria-se situar junto à travessia da ribeira, senão fosse mesmo o lugar da própria travessia ou de alguma característica desse lugar, como se verá.

*Traslado d'Escurtura de Confissão de Divida Com obrigaçã de paga de proprio, e juros da quantia de vinte quatro mil reis, (...) que fazem Diogo Mendes Lopes d'Azevedo, e sua Mulher Catharina Maria moradores nesta villa, (...) a razaõ de juro de cinco por cento por tempo de hum anno (...) no dia trez d'Outubro de mil outo centos vinte e quatro, (...) em especial hum quintal com arvores manças sito junto ao Lagar do Azeite nesta villa, foreiro ao Conselho desta mesma em outenta reis, e parte do Norte com dito Lagar, do Nascente com Largo, do Sul com Marateca, e do Poente com terra do Conselho.*

O mencionado lagar de azeite, a qual parte do Norte, situava-se no actual Largo da Amoreira, nessa altura denominado por Largo do Lagar o qual parte do nascente, do Sul com Marateca, (seria a estrada que atravessa a ribeira) e no Poente com terras do concelho, (presume-se que seja, ou a própria ribeira ou algum talhão de terreno, como actualmente se observa a Norte da ponte).

Sobre a palavra Marateca não se tem encontrado nos vários dicionários de português antigo, qualquer referência credível a esta palavra. Contudo a palavra Marateca, encontra-se amiúde na toponomia portuguesa, seja no Norte como no Sul do país.

Encontra-se uma designação de origem árabe: Marateca (Mar'a at-Taqia, mulher devota) e encontra-se igualmente uma lenda sobre uma moura raptada e que terá dito Mar-até-cá, quando chegou ao lugar actualmente conhecido por Marateca, no concelho de Palmela.

Todos eles têm em comum o facto de se situarem junto a cursos de água e mais concretamente com a actividade de recolha de materiais para construção, nomeadamente, areias e cascalhos.

Julga-se assim que o leito da ribeira, antes do nivelamento e da cobertura das margens e do leito à base de cimento, como se observa actualmente, a chamada placa, permitia a recolha desses materiais, cujo acesso era facilitado pela falta de ponte cuja construção é do início do século XX, (existe memória de uma ponte em madeira para peões, mas o trânsito de cargas pesadas de tracção animal e carroças, fazia-se pelo leito da ribeira).

Fazia-se assim a passagem entre as duas margens pela própria ribeira, cujo leito permitia a recolha das areias e cascalhos deixados pelas cheias inverniais. Ainda nos anos sessenta do século passado, antes da construção, a Sul, da segunda parte do nivelamento da ribeira, junto à ponte do perú, no caminho para o furadouro, se observava a recolha de areão e burgau, pela população, para as mais variadas tarefas de construção.

**Café Beira Linha**  
ALMOÇOS E JANTARES  
Telef. 286 555 199  
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Cont. N.º 901 887 601  
  
MARVEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.  
ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR  
Telef. 286 555 120 - Telef. / Fax 286 512 848  
E.N. 123 KM 47,9 OURIQUE

**ANTÓNIO**  
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
Radios e Televisões  
Telef. 286 555 111  
GARVÃO

**ALUMIGARVÃO**  
Carlos Silva & Silva, Lda.  
Tlm. 934 059 158  
Catilheira de Alumínio e Madeira  
Montagem de Estores  
Portões Basculantes e de Roló  
Tectos Falsos - Orçamentos e Deslocações Grátis  
Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO





# GARVÃO nos PRIMEIROS MAPAS de PORTUGAL

## A questão da antiguidade da chamada, “PONTE ROMANA” da Estação de Garvão, nos mapas de Fernando Alvaro Seco e de Pedro Teixeira Albernaz

A primeira representação conhecida do levantamento cartográfico do território nacional continental é a carta efectuada por Fernando Álvaro Seco e publicado em Roma em 1561.

Em 1662, publicava-se em Madrid, a carta de Pedro Teixeira Albernaz, *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla...*

Tanto uma carta como outra serviriam de base, nos séculos seguintes, às diversas cartas e mapas de Portugal que se publicaram nos séculos seguintes. *No inventário das localidades referidas pelo mapa de P. T. ALBERNAZ começaram por manter-se as mesmas áreas que tinham sido definidas no de A. SECO.*<sup>1</sup>

As povoações do antigo concelho de Garvão, Garvão e Santa Luzia, aparecem, nos respectivos mapas, com as designações actuais, embora, no caso de Garvão, com alguns erros gráficos, nomeadamente no de A. Seco, em que a vila de Garvão aparece com a designação de GARNÃO.

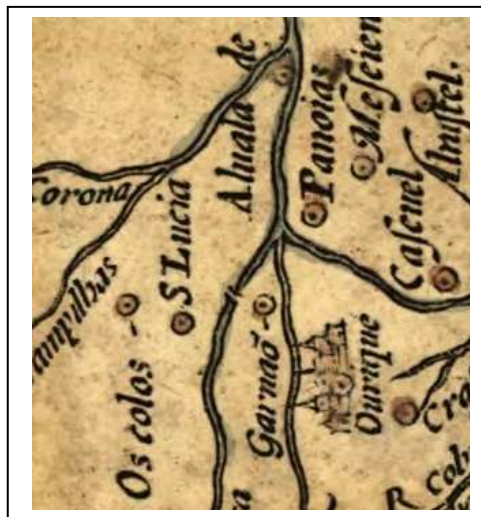
Segundo Maria Fernanda Alegria, *O mapa de A. SECO é extremamente rico na toponímia e na hidrografia, cita vários acidentes orográficos, deixa bem assinaladas as pontes sobre os cursos de água (embora não represente vias de comunicação),*<sup>2</sup> esta observação de Maria Fernanda Alegria, leva-nos a tecer considerações sobre a antiguidade da chamada “Ponte Romana” da Estação de Garvão.

respeitaram esse arruamento, aparece, contudo, no referido mapa, a ponte da vila, a sinalização de uma ponte sobre a ribeira de Garvão.

Nesta altura a vila limitava-se ao Serro do Castelo, não se tinha, ainda, estendido para nascente, para o outro lado da ribeira, assim a sinalização duma ponte, a poente, aponta para a referida ponte na Estação de Garvão, no trajecto da Estrada Real. De notar igualmente que a ponte, em alvenaria, que liga a parte antiga da vila à parte mais recente, (demolida no seguimento das cheias de 1997), é uma construção de meados do século XX. A ribeira que atravessa actualmente a vila, aparece igualmente no referido mapa, sem menção a qualquer ponte.

Assim, embora com algumas reticências, teremos de enquadrar a

localização da ponte, mencionada nos referidos mapas, como a ponte da Estação de Garvão, precisamente onde, não só, a tradição oral, mas igualmente as publicações sobre a matéria, localizam a antiga Estrada Real no caminho de Lisboa para o Algarve.




<sup>1</sup> Maria Fernanda Alegria, *O povoamento a sul do Tejo nos séculos XVI e XVII*. REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS – GEOGRAFIA I Série, Vol. I, Porto, 1986, p. 179 a 206

<sup>2</sup> Idem

  
Informática

---

PSC, Informática de Paulo J F Sousa Cruz  
Rua Nova 5A - 7670-141 Garvão  
Telm.: 938 783 670 - E-mail: pcrus1366@gmail.com


  
MONTARAZ  
GARVÃO

  
Agência Funerária Alentejana  
Funerária e instalações para todo o país

Sede:  
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3  
Aveiro 45  
TELO: 259 2299  
Tel - Fax 286 012 568  
Email: funeraltejana@napo.pt

Filiais:  
Centro Comercial  
Vila Nova de Mil Fontes  
Lagoa de Cerve  
Rua Gago Coutinho 72  
1685-000 Sabugal  
Tel - 265 882 117  
Estrada Nacional  
S. Lúria  
Colares

Joaquim Gonçalves: 938610895  
Elio Guerreiro: 968163079  
932606543  
Pedro Gonçalves: 912603544

  
Garvão  
mini mercado

De. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE

**GARVÃO SUPER**  
mini mercado

**Os Docinhos da Céu**  
Café Pastelaria

de: Maria do Céu Canturo

Tel. 286 555 252 - 286 107 917  
Tlm. 938 291 029 - 939 297 392  
Rua de Ourique, 27 - GARVÃO

**Drogaria Carapinha**  
De: Rui Novo Gonçalves Carapinha

REDES - TINTAS - RAÇÕES  
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC

Tel. 286 555 441  
Tlm. 936 337 373  
Rua Nova, 28 - GARVÃO



# SUL e SUESTE

## LUÍZA. ( V Parte)

Crónica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo" de Joaquim da Costa, Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940

O que êle quiere, sabe-se o que é...

- Quere para a filha um noivo rico, aí está.

- Ê um ambicioso. Não se farta de riqueza.

- E é de ruins figados, e não se fará rogado para atirar sobre o moço, se o vê a namorar a filha, como quem atira sobre um porco-espinho. Alma danada, que há-de ir, numa noite de tormenta, de raios e trovões, para as profundezas do inferno!..

Continuaram na sua faina. Um as após outras, As hastes mortas tombavam no chão. Por toda a vinha, que as chuvas de um longo inverno, tinham despido completamente, a terra úmida cheirando a folhas apodrecidas, havia um grande silêncio... Calados, entregues ao seu trabalho, os dois homens iam avançando lentamente por entre as vides.

Um rumor... Olharam, O lavrador avançava de ao pé da cabana do guarda, que ficava perto. Chegou junto deles, deulhes as «boas tardes» numa voz áspera, lançou um rápido olhar ao trabalho feito, e continuou na sua marcha.

A passo lento, um pouco curvado, a espingarda ao ombro, desapareceu por fim detrás duma colina redonda, além da vinha.

Ele escutara a conversa dos dois podadores.

A porta da cabana, aberta em direcção oposta àquela em que avançavam os dois homens, facilitara a entrada do lavrador que, sem ser visto mas vendo os podadores e ouvindo-os pelas aberturas do capim seco, pudera inteirar-se do que à cerca da filha se murmurava.

Ao primeiro impulso, ouvindo aquêle diálogo, tivera ganas de sair da cabana e, fazendo da caçadeira

cacete, agredir os dois homens, dar-lhes pancada até não poder mais. Um certo sentimento de prudência, o receio do escândalo, eis o que o contivera.

Uma cólera surda fervia nele, e agitava-o no caminho para o monte. A espaços, estacando no meio da estrada, falava alto:

- O almocreve! O Braga! Que patife!... Atrever-se a... Já viram maior arrôjo?...

E também não podia compreender como é que a filha herdeira certa de parte de seus bens, ricos tratos de terrenos de pão, e montados, não esquecendo a vinha, e que era uma das raparigas mais bonitas e jeitosas do sítio, instruída como poucas, pudesse gostar do Braga, pobre diabo sem um palmo de terra onde caísse morto, um pobretão, um pelintra!

Certo, este homem ouvira já pronunciar a palavra amor. Já tinha ouvido falar em casamentos por amor.

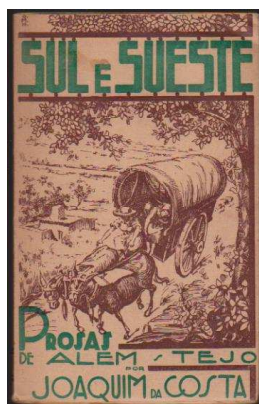
Mas a essa idea, indignou-se mais.

- O amor, o amor e uma cabana!

Lérias, cantigas... E recordava-se daquele recém-casado que, em resposta à sua

cara metade que lhe rogava: «Olha para mim, adoração», respondera: «olhava para ti, se tu fôsses pão...»

Para este homem, o sentimento verdadeiramente alto e digno, que agitava o mundo era o amor à riqueza e, sobretudo, à terra. E esse sentimento conhecia-o, tinha-o bem enraizado no mais íntimo recesso do seu coração. Por um palmo de terra seria capaz de jogar a vida. A terra, as suas terras, a herdade, o montado, a vinha! Como ele amava tudo isso, que era o seu mundo! As dores da terra, sentia-as mais profundamente que as dores da família.



  
**ourique** 94.2  
fm

**rádio**  
**CASTRENSE** 93 FM  
emissão on-line  
página inicial - programas - notícias - desporto - galeria fotográfica - email



**Café Futuro**  
Almoços e Jantares  
  
Rua do Álamo  
--- Internet Wireless ---  
Associação Futuro de Garvão

**B. P. & P. Lda.**  
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO  
**Batista Pereira & Pereira, Lda.**  
Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, 11 - 559 - 1675-618 Famões - Casal da Silveira  
Telefons.: 96 648 51 232 15 49 Fax: 21 880 40 08  
E-mail: btstapereira2001@sapo.pt



# GARVÃO nas CORTES do REINO

Sobre a intervenção dos procuradores de Garvão nas Cortes do reino de 1439, o que nos ficou até hoje são os chamados “capítulos” ou “artigos”, apresentados geralmente pelo Povo ao rei, acompanhados das respostas deste, não havendo conhecimento da redação de quaisquer actas das reuniões de Cortes, se de facto alguma vez existiram ou se foram redigidas.

Assim num dos capítulos referentes a Garvão, Panoias, Ourique e Castro Verde, sendo procurador Afonso Giraldez, surge-nos uma petição no sentido de os viajantes que passam por Garvão, deixarem de pagar as portagens exigidas pelos comendadores, como era costume antigo.

Senhor, saiba a vossa mercê que os comendadores de há pouco tempo acá<sup>1</sup> e os seus rendeiros, constroem quaisquer pessoas que passam pela vila e seus termos, fazem-lhes pagar portagens, posto que não vão senão de ida, sem comprando nem vendendo, o que nunca foi de costume, salvo os que compravam e vendiam, estes pagavam E os que passavam nenhuma coisa. E ainda o pior é que eles põem de sua mão Juizes e almoxarifes que isto hajam de julgar o que nunca foi que sempre os juizes da terra hajam de tais factos como estes conhecimento.

Pelo que vos pedimos Senhor por mercê que lhes defendais que nom usem de tal costume pois que nunca foi, em isto Senhor nos fareis mercê.

Mandamos que se guarde em isto o costume antigo. E se lhes por ora tais portagens demandam novamente não lhes seja consentido.

Surge-nos igualmente noutro capítulo, o pedido para os mancebos deixarem de pagar *conhoçenças*<sup>2</sup> aos comendadores e rendeiros, pois tal uso nunca o foi e da dificuldade em ajustar os mancebos, pois estes exigiam que se lhes pagassem as *conhoçenças*.

Senhor saberá a vossa mercê que a nos é feito um grande agravo que todos somos lavradores e criadores E do que nos deus dá damos nosso dizimo diretamente E isso medes<sup>3</sup> os nossos mancebos do trigo das searas que hajam E dos gados que têm E depois nos pedem os comendadores e seus rendeiros que lhe paguemos conhoçenças o que antigamente nunca foi E por este azo<sup>4</sup> se pagam mal os dizimos E se faz na terra muito mal, entanto que os mancebos não querem talhar<sup>5</sup> soldada connosco senão que paguemos por eles as ditas conhoçenças por que vos pedimos Senhor por mercê que lhe defendais que não levem nem demandem tais conhoçenças, que basta o que nos deus dá e lhe pagamos seu dizimo, em isto nos farres mercê

Mandamos que se guarde em isto o costume antigo.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Para cá, em diante, até agora.

<sup>2</sup> Prestação que antigamente se pagava aos párcos, por certos rendimentos, em relação aos quais não havia regra para se pagarem dizimos. Podia tratar-se igualmente de uma certa quantia devida a um senhorio por qualquer bom ofício feito ou por reconhecimento de vassalagem.

<sup>3</sup> Mesmo

<sup>4</sup> Motivo.

<sup>5</sup> Ajustar.

<sup>6</sup> ORGANIZAÇÃO E REVISÃO GERAL: João José Alves Dias. Pedro Pinto.



Primeira figuração conhecida de reunião de Cortes, finais do século XV

**MOVIGARVÃO**  
 Carlos Alberto Guerreiro Silva  
 Telem. 934 059 159  
 Móveis - Electrodomésticos  
 Tapetes e outros artigos  
 de decoração para o Lar  
 Candeieiros - Cozinhas por medida  
 ☎/Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

**REVEZ & GONÇALVES**  
 Materiais de Construção, Lda.  
 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
 PECUÁRIA  
 VENDA A RETALHO  
 Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



## FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA



### Família Ataíde

Ataíde é um sobrenome de origem portuguesa, classificado na onomástica como toponímico, pois teria surgido a partir da designação da torre e quinta de Ataíde, na freguesia de São Pedro de Ataíde, em Portugal.

Etimologicamente, acredita-se que este nome tenha derivado do teutónico *Athanagild*, que pode ser traduzido como “pai de luta”.

A grafia arcaica deste nome é *Athayde*, forma com qual o sobrenome foi inicialmente utilizado.

De acordo com os genealogistas, a família Ataíde portuguesa é bastante antiga e, ao longo dos séculos, manteve um elevado status social na Corte Real Portuguesa.

D. Luís de Ataíde, governador-geral e Vice-Rei da Índia Portuguesa, é um exemplo de um dos membros de destaque desta família em Portugal.

Uma das personalidades mais populares com este nome no Brasil foi o pintor e decorador brasileiro Manuel da Costa Ataíde, conhecido como “Mestre Ataíde” (1762 – 1830).

O brasão tradicional da família Ataíde é azul, com quatro bandas de prata. A sua marca constitui de uma onça deitada, com quatro bandas de prata.

## 40 ANOS DEPOIS...

### O romance *Levantado do chão*, escrito em 1979, por José Saramago

O romance *Levantado do Chão*, de José Saramago, é fruto, conforme o próprio autor declara, de um sonho. O de falar sobre o Alentejo, os alentejanos e a sua luta pela sobrevivência. Sonho que o escritor concretizou e partilhou com o leitor, ao publicar, em 1981, este belo livro.

Resultado de um autor e de um narrador principal empenhados, comprometidos e, por vezes, até intervenientes, o livro narra a “saga” de uma família rural alentejana durante os primeiros 75 anos do século XX.

“Os Mau-Tempo” (e note-se a simbologia do nome), família formada por António, João, Domingos, Gracinda e Amélia, cruzam-se com outras famílias, como a dos “Canastra” (Sigismundo/Sismundo Canastro e Joana Canastra) e outras anónimas e com o grevista Manuel Espada.

Estes cruzamentos, enquanto suporte da intriga, surgem por imperativo da situação de desemprego em que estes trabalhadores se encontravam durante grande parte do ano (só havia trabalho sazonal para satisfazer as necessidades dos latifúndios) e da luta política já organizada contra esta situação de “fome crónica” que lentamente os matava.

Tendo como tema nuclear a exploração, o desemprego e a fome, *Levantado do Chão* fala-nos do inconformismo dos trabalhadores alentejanos que, se lentamente vão morrendo, também lentamente vão tomando consciência da necessidade de se organizarem para a luta pelo direito ao trabalho, pela jornada de oito horas e pelo uso útil da terra.

Saramago é incomparável na arte da literatura histórica. Em *Levantado do Chão*, é impressionante a capacidade do escritor de refletir todas as angústias e ansiedades de um povo na figura de uma única família. Os Mau-Tempo são reflexo direto da ditadura: sem um tostão, são obrigados a trabalhar para grandes proprietários de terra que pagam misérias enquanto cobram horas extremamente longas de trabalho. Em um país onde não existe legislação para proteger os trabalhadores e o governo é financiado por grandes empresários, a quem o povo poderia recorrer? A resposta está na própria terra: a eles mesmos.



## CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- \* Portas
- \* Janelas
- \* Marquises
- \* Estores
- \* Portões
- \* Corrimões

Jorge Bento  
964 173 005

Garvão - Ourique

